

No princípio era o *Logos*: O verdadeiro sentido de JOÃO 1:1

*Carrego meus primórdios num andar.
Minha voz tem um vício de fontes.
Eu queria avançar para o começo.
Chegar ao criancimento das palavras.
Lá onde elas urinam na perna...*

(Manoel de Barros;1996)

Por que entender a origem da palavra *logos* (Verbo)?

Nossa experiência de 2000 anos com as escrituras sagradas do Novo Testamento nos mostra que a sabedoria por trás dos seus ensinamentos é tamanha que ainda hoje encontramos em uma única frase, as vezes em uma única palavra, novos sentidos que até então não havíamos percebido. Sem falar das inúmeras vezes em que nossa interpretação não está seguindo o sentido verdadeiro. Não fosse verdade, os espíritos superiores não teriam investido tamanhos esforços para codificar a doutrina espírita a fim de auxiliar os homens na verdadeira captação do sentido nos ensinamentos do Cristo. Sendo assim esse texto se propõe a analisar as origens da palavra *Logos*, que foi traduzida como Verbo ou Palavra. E assim, tentar analisar se as expressões Verbo e Palavra expressam de maneira completa o sentido que o apóstolo João queria dar em JO 1:1, quando disse, “No princípio era o Verbo.” Até mesmo porque, ao se ler essa sentença não é facilmente

dedutível, a primeiro momento, o que João queria dizer ao comparar Jesus com o Verbo. Então, é de se esperar que nesse termo grego possua sentidos e interpretações mais profundas e não decifráveis sem uma análise mais cautelosa.

Iluminar o que estava oculto

Veremos então quais foram os motivos pelos quais o evangelista João escolheu a palavra *Logos* (verbo) para se referir a Jesus. O primeiro deles é que em sua origem esse termo remetia a ideia de iluminar o que estava oculto, revelar, desocultar, desvelar. Ou seja, o apóstolo está nos trazendo a compreensão de que o Cristo veio para mostrar à humanidade o que estava oculto diante dela e dentro dela mesma. Revelando a verdade que estava dentro do ser, porém que era desconhecida por este. Desvelando o que estava coberto. Fazendo emergir um conhecimento de dentro para fora.

É o que acontece com a própria linguagem. O que é ela senão o dom de iluminar o que era desconhecido. Quem nunca passou por dias de uma angústia que não sabia de onde e nem por que vinha? Uma sensação que é até difícil de explicar exatamente o que é ou que se sente. Sabe-se apenas que é “algo” ruim. Até que em um belo dia dizemos “Nossa, entendi! O que eu sentia era a falta de Deus”. Nesse instante tudo começa a fazer sentido, o que antes parecia ser incompreensível recebe a luz do entendimento. É como se algo mágico acontecesse apenas pelo dom de nomearmos uma sensação que antes não entendíamos. Esse é o poder da “Palavra”, o poder de iluminar o que estava oculto, e é por causa desse poder que João escolheu-a para se referir a Jesus.

Porém, esse processo de “iluminar o que estava oculto” não acontece apenas através da linguagem, da revelação de um conhecimento, ele acontece em infinitas formas e de diferentes aspectos no ser e na própria natureza. Ele está presente em tudo que foi criado por Deus. A beleza de uma borboleta já não estava oculta na própria lagarta? O coração não faz um processo de ocultar e liberar o sangue enquanto se enche dele para poder bombeá-lo ao corpo? O reino de Deus não está oculto dentro de nós? Toda perfeição do Ser emerge de dentro dele mesmo! Este processo de “revelar o que estava oculto” é simbolizado, por exemplo, na Carta Teológica da Igreja ICEU, na seguinte passagem:

“Das trevas irrompe a luz! O dia nasce da noite! O todo emana do nada aparente! A pérola, preciosa e brilhante, surge de uma doença da ostra!”

O próprio filósofo grego Heráclito, o primeiro a pensar sobre a essência do Logos, acreditava que o que gerava a Lei do Progresso na natureza era esse processo de ocultar-revelar. E não é de se estranhar que esse “revelar o que estava oculto” seja encontrado em tudo que existe, pois o que próprio João fala é que “Tudo que foi feito foi feito por intermédio dele e sem ele nada do que foi feito se fez.” Ou seja, podemos tirar daqui duas conclusões que se completam entre si. A primeira é a de que Jesus já existia antes do planeta Terra ser feito, e este ajudou em sua construção. A segunda é que as coisas foram feitas a partir desse princípio que é o Logos. Em outras palavras, tudo que existe possui em seu interior esse dom de “revelar o que está oculto dentro de si”.

O Logos e a morte

Até aqui falamos sobre um dos sentidos que a palavra Logos, que deu origem ao “Verbo” usado em João 1:1, tinha em sua origem na Grécia, o de “revelar o que estava oculto dentro do ser”. Esse era um dos seus principais significados, dentre outros não menos importantes aqui para nossa comparação com o Cristo. E uma outra significação que tinha o Logos em sua origem tem a ver com a morte, e é o que analisaremos agora. Um dos milhares ensinamentos do Mestre Galileu foi o de que a morte nada mais é do que uma ilusão, o desconhecido, e de que ele era a revelação da verdade que é a vida eterna:

“Em verdade, em verdade vos digo que quem ouve a minha Palavra, e crê naquele que me enviou, tem a vida eterna, e não entrará em condenação, mas passou da morte para a vida.”

Em outras palavras, Jesus, o Logos revelador, representaria também o oposto da morte, da ilusão e do desconhecido. E ainda mais interessante é que esses opostos também eram representados em outro significado que tinha a palavra Logos em sua origem que era o de representar o próprio Zeus, o rei dos deuses gregos. Na antiguidade grega então, o Logos também era, por vezes, chamado de Zeus. Essa comparação se dá porque um dos atributos de Zeus é ser o portador do Raio revelador e iluminador. Ou seja, Zeus também representa em si a revelação do que era desconhecido. E além de ser o rei do Olímpio (o mundo dos deuses) e da terra (o mundo dos homens), ele também representava o oposto de Hades, que era o rei do submundo (o mundo dos mortos). Ou seja, há uma dualidade

entre Zeus e Hades, luz e sombras, que simboliza outro sentido do que é o Logos. Porém, luz e sombras não estão aqui se referindo a “bem e mal”, e sim a conhecido e desconhecido, até mesmo porque nem tudo o que é conhecido é necessariamente bom e nem tudo que é desconhecido é necessariamente mal. Portanto Zeus (logos), o deus que revela seria o oposto de Hades, o deus que está oculto, até mesmo porque a palavra Hades em grego, podia significar 3 coisas: o deus do submundo, assim como podia significar o local para onde iam os mortos ou então podia se traduzir como “o invisível”. Então encontramos aqui mais uma vez a referência do logos representando o revelar/ocultar nas figuras de Zeus (o que revela) e Hades (o invisível, desconhecido), paralelos a idéia de vida e morte.

E é ainda mais interessante pensar em como é necessário passar por esse “vale da sombra e da morte” para encontrarmos o tesouro perdido que nos aguarda dentro de cada um de nós, seja pelas palavras do poeta Eurípedes em que “na obscuridade existe algo de grandioso porque as trevas são sagradas” ou nas do filósofo Heidegger: “é mais salutar caminhar no estranho do que instalar-se no óbvio”.

O Logos traz a sabedoria

Como se sabe, atualmente a palavra Logos também pode ser compreendida por “razão”. Porém, alguns filósofos que estudaram a essência deste Logos acreditavam que ele não se tratava da razão compreendida de maneira geral, mas apenas a um tipo de razão mais iluminada, semelhante a uma sabedoria. Primeiramente, uma distinção importante que eles faziam é que sabedoria não é sinônimo de muitos conhecimentos. Alguém pode conhecer muito de muitas coisas, porém não ser considerado sábio. Para eles os sábios eram aqueles capazes de perceber as belezas, os sentidos e

as essências ocultas nos seres e na natureza. Para ilustrarmos essa diferença, reflatamos em uma fala de Jesus para um alto sacerdote de Israel, comparável aos dias de hoje a um professor de faculdade de teologia:

“Você é mestre em Israel e não entende essas coisas?”... Eu lhes falei de coisas terrenas e vocês não entenderam; como entenderão se lhes falar de coisas celestiais?”

Nicodemos, o mestre em Israel para quem Jesus dirige essas palavras, conhecia muito bem as escrituras, porém não era capaz de entender o sentido oculto das coisas terrenas. Para estes filósofos que estudaram o Logos, um homem, mesmo que saiba proferir grandes discursos e fazer grandes feitos, não terá valor se ele não compreende o sentido daquilo que faz, ou seja, se ele não buscar a sabedoria em seus atos. Eles acreditavam também que essa sabedoria poderia ser alcançada se se escutasse o “Logos que vem do fundo do coração”. Essa idéia é semelhante ainda a outra fala de Jesus:

“Este povo se aproxima de mim com a sua boca e me honra com os seus lábios, mas o seu coração está longe de mim. Mas, em vão me adoram, ensinando doutrinas que são preceitos dos homens.”

Dá relação que existe entre a sabedoria, o logos e o conhecimento que vem do coração é possível tirar ainda mais uma lição, tão profunda quanto valiosa. Ela se refere a postura paciente, zelosa e respeitosa diante do ato de conhecer as leis da natureza e do ser. Pelas palavras do próprio filósofo Heráclito: “só se conhece bem aquilo que se ama.” Ou seja, para alcançar essa razão iluminada e ter acesso a essa sabedoria que vem do

Logos é preciso tratar com amor todo o conhecimento que se recebe sobre as leis que regem os céus e a terra. Interessante porque antes de ser traduzida como “Palavra, Verbo” o termo grego Logos era utilizado em sua origem significando também a “colheita”. Se pararmos para pensar o ato da colheita ilustra exatamente essa atitude zelosa que estamos nos referindo. Quem colhe precisa ter atenção e cuidado para selecionar o que está bom para se colhido, não pode ser feito nas pressas. O ato de colher exige paciência, cuidado e até certo zelo ao que é colhido. Semelhante a atitude que deve ter quem deseja conhecer com o coração as leis de Deus. Por isso ainda a palavra “filósofo” é traduzida como “aquele que ama a sabedoria”. Quem ama a sabedoria não é apenas, então, no sentido de quem “gosta muito” da sabedoria, mas sim no sentido de quem sabe respeitá-la, quem sabe ser paciente com ela para colhê-la em seu tempo certo, quem sabe selecioná-la bem, cuidar para que ela receba tudo que é necessário para que possa frutificar. Ou seja, amar a sabedoria é ser amante da sabedoria, é a atitude que se tem diante dela. Como muito bem disse o apóstolo Paulo:

E ainda que tivesse o dom de profecia, e conhecesse todos os mistérios e toda a ciência, e ainda que tivesse toda a fé, de maneira tal que transportasse os montes, e não tivesse amor, nada seria.

Conhecendo a Verdade

Uma das frases mais célebres do apóstolo João foi, do original em grego, “*En arche en ho logos*”, que é mais comumente traduzida como “No princípio era o verbo”. Porém, como vimos até aqui o termo Logos carrega

em si um sentindo muito mais profundo do que apenas Verbo ou Palavra. Como foi apresentado até agora são 3 os principais conteúdos que ele carrega em sua origem, fazendo dele não apenas um termo que possui ricas interpretações como também traz um sentindo que está intrinsecamente ligado a imagem que Cristo representa em nossas vidas. E na tentativa de concluir nossas reflexões, veremos agora qual o ponto em comum que uni essas três partes aqui apresentadas sobre o Logos, que foram: o seu processo de desvelamento, sua relação com a sabedoria e também com a morte. Apenas lembrando que o tema de nossa pesquisa é “o verdadeiro sentindo do Verbo”, já que o elo que unirá tudo o que discutimos até agora, por coincidência ou não, é justamente a origem da palavra “Verdade”.

A palavra verdade vem do grego *aletheia*, esse termo tem origem em uma crença que tinham os gregos antigos a respeito do momento da encarnação das almas. Para eles, todas elas, antes de encarnar, aguardavam no Hades (o mundo dos mortos) até o momento que viriam ao nosso plano. Lá elas deviam escolher o tipo de vida que iriam levar e as responsabilidades que deveriam cumprir. E então, quando chegava o momento da encarnação elas eram guiadas até o mundo carnal, através de um rio que fazia a ligação entre esses dois mundos. Esse rio era conhecido como rio Lete, traduzindo, o rio do esquecimento. Porém, o mundo dos mortos era um local extremamente quente, e por isso as almas bebiam nas águas do rio do esquecimento para matar a sua sede. Mas elas eram antes advertidas a não beberem muito dessa água, pois elas não deveriam se esquecer das responsabilidades que tinham assumido antes de encarnar. Daí surgiu o termo *aletheia*, usado hoje para significar “Verdade”, mas que traduzindo ao pé da letra significa “aquilo que não deve ser esquecido”. O que acontecia porém, é que algumas almas, mais imprudentes, bebiam muito mais da água do esquecimento do que outras e esqueciam quase tudo o que tinham assumido de responsabilidades. Os gregos diziam ainda que os sábios eram na verdade aqueles que bebiam pouco da água do

esquecimento e por isso estavam mais perto do “que não deve ser esquecido” ou, em outras palavras, estavam mais perto da verdade. Vemos ainda na Carta Teológica da Igreja ICEU uma passagem que fala dessas responsabilidades assumidas:

“Bem-vindos, irmãos, a este reencontro com Deus, através de Jesus Cristo e dos seus mensageiros superiores, no qual queremos reafirmar nossa fé e o nosso compromisso assumido na Pátria espiritual, antes da nossa reencarnação, reunindo-nos nesta renovada Israel Espiritual”

Concluindo, vemos que no mito sobre a encarnação, que deu origem a palavra Verdade, está a síntese que une tudo o que discutimos até agora. Pois como é representado, “o que não deve ser esquecido” está dentro do ser, esperando ser revelado, em outras palavras Jesus e o Logos representam em si a revelação de tudo o que está oculto. Eles são o oposto da morte, que nada mais é do que as sombras do desconhecido. E por último, são o caminho que leva à verdade oculta dentro do ser, que o conduz até a sabedoria, pois sábio é aquele que passa a compreender, respeitar e amar as leis de Deus, relembrando assim qual foi o compromisso que ele assumiu na pátria espiritual.

Autoria: Cristão Espírita
PAULO HENRIQUE NOGUEIRA LIMA
Membro da ICEU

Referências

- **Platão: a Republica - livro X:** tradução, ensaio e comentário crítico, Prof. Dr. Daniel Rossi Nunes Lopes;
- **A verdade do ser como Aletheia e Errancia.** *Prof. Dr. João Bosco Batista*
- **Experiência do lógos e o lógos joanino,** Prof. Dr. Rui Josgrilberg¹
- **Razão, alma e sensação na antropologia de Heráclito,** Prof. M.e Celso de Oliveira Vieira
- **O dualismo antagônico na teoria do Eros em Platão e na teoria pulsional em Freud,** Prof. M. e José Josivan Bezerra de Sales
- **Heráclito de Éfeso, filósofo do Lógos,** Prof. Dr. Zeferino Rocha
- **Carta Teológica ICEU;**